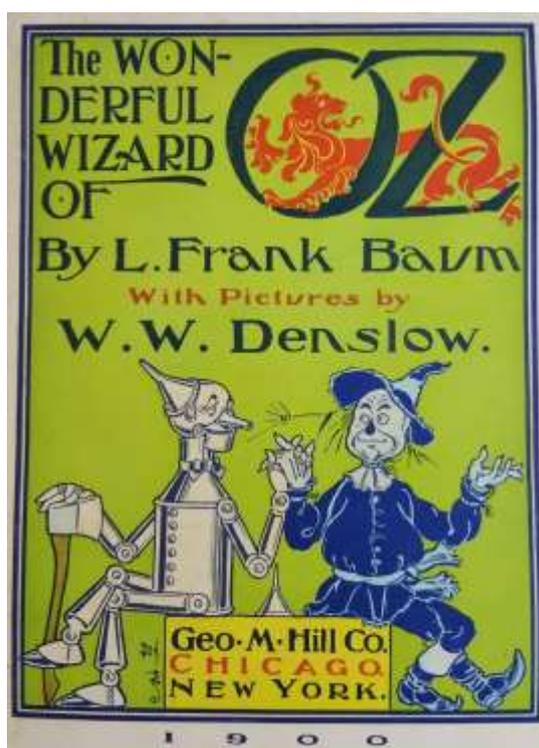


Expedição a Oz

Subsídios para um pequeno guia académico¹

Paulo Ferreira da Cunha²



Resumo: Muito se acarinha, infelizmente mais por palavras que por obras, o aluno e o estudante. A nossa prática docente tem revelado, contudo, que pouco se faz, em geral, para explicar aos mais novos o espírito e o funcionamento da Escola. O presente artigo avança algumas teses sobre a Escola, o Estudo e a condição académica. Porque os estudantes e os alunos não nascem ensinados.

Palavras Chave: Pedagogia, Didática, *Docilitas*, Burocracia, Competências, Honras, Prudência.

Abstract: The pupil and the student are cherished more by words than by works. Our teaching practice has revealed, however, that little is done in general to explain to the younger people the spirit and the functioning of the School. The present article advances some theses about the School, the Study and the academic condition. Because students and pupils are not born taught.

Keywords: Pedagogy, Didactics, *Docilitas*, Bureaucracy, Skills, Honors, Prudence.

¹ O presente artigo, retoma, em tela de fundo, algumas reflexões anteriores, com um escopo mais limitado, que repensa, desenvolve e procura filtrar para uma generalização adaptada a um público mais vasto.

² Catedrático e Diretor do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, Bols. da FUNADESP na Faculdade Autónoma de Direito de São Paulo (FADISP).

1. Males e Perigos da Educação

Os maiores males (e nesse sentido perigos também) para a Educação são o descaso a que frequentemente os poderes a votam (estultamente pensando que educar é despesa e não investimento), o desinteresse das famílias na instrução dos mais novos (buscando mais braços agenciadores de aumento do rendimento do agregado doméstico), e o alheamento *blasé*, ou de qualquer modo alienado, das próprias crianças, adolescentes e sobretudo jovens face à educação que por vezes até têm, mas desprezam (dependendo, evidentemente, e muito, da classe social e do nível de instrução de que são provenientes).

Porém, dos maiores inimigos da Pedagogia e da Didática são, precisamente, as receitas prontas de pedagogia e de didática, e os donos da verdade, normalmente de modelo *cappo di scuola*, sobre o que devam ser. Quando a Educação, que é uma vocação e uma arte se quer transformar numa disciplina e numa técnica, tudo está subvertido...

Há, sem dúvida, esforços nestas áreas sérios, e alguns mesmo científicos (sem perderem a dimensão intuitiva, vocacional e artística), há amadorismos mais ou menos bem sucedidos, e há mistificações autoritárias ou totalitárias, ao serviço de *egos* muito avantajados e de engenharias sociais sempre perigosas: umas burocratizantes, outras obscurantistas, outras ainda argentaristas, ou ao serviço da transformação da escola em negócio. No meio destas várias perversas pedagogias e didáticas estão as que nada adiantam, mas procuram dominar e propagandear-se e se espantam engalanadas e coloridas: fogo de vista.

Uma sociedade como a nossa, em que há poucas resistências de raiz, por ter sido submetida a vagas de amnésia do que é essencial, clássico e tradicional, do que é universal e perene, normalmente fascina-se com a promessa fácil de novidade, sobretudo quando bem embalada pelo marketing político... E portanto, é natural que inovações pedagógico-didáticas sejam por muitos saudadas, e por outros, já cansados dessa mania permanente de mudança, não possam ser já alvo de contestação, porque faltam as forças já...

2. *Docilitas* académica

Diziam os Antigos uma coisa que hoje pode parecer sacrilégio a algumas pedagogias ou didáticas *para inglês ver*: que a *docilitas* é essencial à aprendizagem (a propósito: vale muito a pena ler os conselhos de Tomás de Aquino sobre o estudo).

Não se aprende se se não está aberto a isso, e empenhado mesmo nisso, com disposição a fazer sacrifícios com esse objetivo. A partir de um dado momento, será interessante, será mesmo empolgante, em alguns casos. Mas os primeiros passos são sempre difíceis e custosos. Assim, nenhum professor pode ser culpado de um aluno não aprender, se ele não quiser, e não fizer por isso. Há professores mais ou menos motivadores, mais ou menos sedutores, mas mesmo o pior dos docentes, desde que cumpra menos mal o seu labor, deve ser respeitado pelo seu trabalho e até admirado por ele. Pessoalmente, comecei a achar que os maus professores nos descansam da alta frequência ou alta tensão que nos provocam os demasiado brilhantes. Têm, pois, um papel de salutar contraste. Pelo menos.

Há, pois, sendo-se aluno ou estudante, que persistir, aproveitando os docentes, mas, no limite, apesar deles. E em alguns casos é preciso muita vontade e muito afinho. Porque muitas matérias são abstratas, são áridas, e as solicitações lá fora muito mais fáceis, muito mais agradáveis... Estudar é anti-natura. É preciso contrariar a tendência natural para o não trabalhar e para o divertir-se de forma convencional (ou

imitativa, ainda que pouco divertida na realidade)... Só mais tarde virá a recompensa... sob muitas formas.

Não há bom professor que faça a um estudante saber o que quer que seja. Aliás, são os bons alunos que fazem os bons professores, e há matérias que se aprendem, sim, mas dificilmente se ensinam. O professor pode incentivar ao estudo (ou não) mas a conquista do saber é totalmente pessoal. Estamos até em crer que muitos docentes aprendem ensinando, e certamente daí a proliferação de manuais, que suspeitamos em alguns casos corresponda à única saída de um docente para conseguir reter e pôr em boa ordem o seu estudo da matéria. Pessoalmente, sou o primeiro a reconhecer que algumas cadeiras só as entendi mesmo quando as tive que lecionar. Talvez isso seja até um bom exemplo para os estudantes: tentem expor aos demais o que estudaram.

A metáfora oriental da taça de chá talvez seja mais aceitável, hoje em dia, até pelo sabor de exotismo que poderá para alguns comportar. O mestre que enche a taça do discípulo necessariamente fará o chá transbordar se a taça se encontrar já cheia. É preciso que o discípulo esteja preparado para receber... E queira receber, não apenas de forma passiva, mas ativa. Ele deve apropriar-se das matérias, dos temas, dos problemas, incorporá-los, fazer com que eles passem a ser verdadeiramente seus. Era essa a essência do decorar: saber *com o coração*, não colar provisoriamente, artificialmente, distraidamente, na memória. Por exemplo: Num documentário televisivo, radiofónico, cinematográfico, ou na *Internet* é flagrante quando o locutor se limita a ler, por vezes com entoações extravagantes até, o que não entende nem lhe interessa ou quando, pelo contrário, sabe o que diz e vive o que lê.

É essencial que os estudantes se mantenham focados nos seus objetivos. A atenção tanto é essencial nas aulas (os chamados estudantes “músicos” chegam a ter excelentes resultados só pelo que nelas aprendem, “de ouvido”) como fora delas. Há também muito quem passe horas e horas diante dos livros ou dos computadores mas de tal forma distraído que nada assimila. Há que ter tempo para tudo. Mas quando toca a estudar e a concentrar-se, é mesmo para isso. Se não, é pura perda de tempo.

Para mais, há certas áreas de estudo em que poucas matérias que poderão, pelo seu tecnicismo, pela sua aridez, pelo seu rigor, ser estudadas como quem lê um romance. É mesmo necessário prestar a maior atenção, reter nomes, conceitos, voltar atrás, testar se se entendeu bem, rever, ponderar. Tirar também apontamentos, eventualmente (para os que têm esse hábito) e até sublinhar. Naturalmente, muito importante é fazer fichas de estudo, um tesouro que, se bem estruturado, fica para toda a vida. É o velho e bom método... que também se pode adaptar aos computadores.

3. Tempos e modos

Há muitos absurdos numa sociedade que deveria pautar-se antes de mais pela racionalidade (naturalmente uma racionalidade moderada por outras razões, mas ainda assim racional), como a sociedade académica, em todos os seus níveis.

Um dos absurdos mais evidentes para um professor, mas que não o é para um estudante sempre, é que o sussurro, o cochichar, entre estudantes, mesmo que (por absurdo!) respeitoso e não em tom muito alto, é uma perturbação da aula, e sempre faz dano à exposição da matéria, ou ao diálogo que nela esteja a haver. É uma música de fundo danosa mas supérflua, porque os alunos conversadores sempre poderiam sair... Porque não o fazem? Mistério insondável... Será que gostam eles da música de fundo que para a sua conversa particular representa a voz do professor? Será que temem as faltas? Em alguns casos já nem existem...

Em contrapartida, um dos absurdos mais evidentes para um aluno e nem sempre para o professor, nem para algumas instituições escolares, é que é uma violência ter que suportar mesmo o mais eloquente dos mestres na mais interessante das matérias, sem intervalo, mais que 50 minutos seguidos. A menos que seja uma aula de trabalhos práticos, de artes, ou laboratório, ou oficina.

É portanto natural que os alunos não aguentem mais o professor numa aula teórica muito longa (mesmo que um pouco dialogada, pelo chamado método socrático...) e comecem a conversar, se as aulas não tiverem um intervalo e um cafezinho pelo meio...

E é também para não adormecerem que alguns estudantes mascam *chiclete*...

4. Competências Linguísticas

O chamado “teste do algodão” é infalível para um experiente mordomo verificar da falsa ou da verdadeira limpeza.

Para a cultura em geral há também vários testes do algodão. O primeiro é fazer a pessoas falar. Há gente bem apresentada, bem vestida, bem apessoada, mas quando abre a boca... está tudo perdido. Denuncia-se, trai-se.

O grande historiador da arte Ernst Gombrich recorda uma passagem do romance policial *Lord Edgware Dies*, de Agatha Christie, em que uma pessoa pouco culta se trai também ao confundir o Julgamento de Paris (filho de Príamo, rei de Troia) com o veredito da moda da cidade de Paris. Ambos se dizem, em inglês “the judgment of Paris”. A passagem é esta: “Somebody — I forgot who — had uttered the phrase ‘judgement of Paris’, and straight away Jane’s delightful voice was uplifted. ‘Paris?’ she said. ‘Why, Paris doesn’t cut any ice nowadays. It’s London and New York that count.’”.

Passado este teste, que é do falar e do conversar, porque pode ser que a linguagem oral consiga ainda camuflar as coisas, há um novo teste: a escrita. Os erros ortográficos são um sinal certo. E não me venham com o Acordo Ortográfico. Falo de erros mesmo, na antiga e na nova norma. E não sei se piores ainda são os sintáticos e a falta de ordem, de lógica, num discurso escrito. São elementos fatais.

Dir-me-ão que uma pessoa pode ser inteligentíssima e culta e não saber falar e escrever adequadamente. Tenho dúvidas, se ela se quiser inserir num ambiente de cultura. A menos que tal ambiente seja apenas de snobismo... Há alguns nichos de snobismo pseudocultural em que a linguagem obscura, cryptica, esotérica, ainda compensa... Mas já há muitas pessoas sem paciência para esses cultos particulares, e mesmo alguns que não receiam dizer que “o rei vai nu”.

Pode ser que a obscuridade seja apenas misantropia ou algo do género. Se se desejar ser um eremita, à vontade...

Na verdade, e descontando os casos clássicos da *mala fortuna*, da *corruptio naturae* e da *excelentia naturae*, a verdade é que falar, escrever e ser entendido é que são a boa regra. E uma pessoa inteligentíssima facilmente aprende aquelas duas técnicas (digamos), e facilmente se terá dado conta que elas, valendo intrinsecamente o que valem, são de suma importância social e relevantíssima se quiser exercer algumas profissões, aliás. Pelo que seria ao menos de boa política seguir a norma e não dizer enormidades nem dar erros.

Cuidado, porém, com a ditadura da extroversão, que é o simétrico moderno do mutismo incapaz de articular uma ideia: há de há uns tempos a esta parte um fascínio

basbaque com a simples, com a mera "participação", com a extroversão gritante e quantas vezes sem qualquer conteúdo...

Se se quiser ser iconoclasta e sofrer as consequências, pode-se não cumprir regra nenhuma. Mas mesmo o mais desmitificador e revolucionário tem tiques da "tribo" respetiva, que pode ser mais ou menos alargada... Muitos grandes iconoclastas foram representantes de vulto dos respetivos ramos do saber. E isso lhes terá dado certamente alguma moderação e a capacidade de dialogar com outros. Cultura é também um instrumento de comunicação e de tradução.

Aqui não estou evidentemente a pensar em cultura tradicional, nem popular, nem numa certa vivência antiga e meio aristocrática (embora possa ser também camponesa) de quem não precisa mesmo de ostentar graus e títulos académicos, e pode no limite viver de forma iletrada.

Tive um grande professor em outras latitudes que hoje é um mestre de estilo na sua língua e me disse (talvez com exagero) que até a uma idade muito avançada não escrevia: só desenhava. Há alguns casos relevantes, de gente inteligentíssima que não precisa de saber ler nem escrever. Mas hoje em dia precisamos. E muito. E é muito pelo que falamos, escrevemos e lemos que somos avaliados no plano racional, porque no plano emotivo e visceral somos avaliados em geral por coisas bem mais superficiais e enganadoras, como o nosso "look"... Evidentemente, o desafio plástico, cénico ou dramático, gestual e cinético e musical, por exemplo, são reais. Seria importante que essas formas de expressão não (apenas) linguística.

Mesmo letrados, e grandes escritores chegam (obviamente apenas em casos extremos) a dar erros ortográficos, evidentemente. Na sua autobiografia, Gabriel García Márquez conta que dava muito trabalho aos revisores das suas obras por causa dos erros ortográficos. Seriam mesmo assim tantos, ou mais pose de escritor? Pessoalmente, ouvi da boca de Miguel Torga (que bem poderia ter sido Prémio Nobel, e para tal foi falado várias vezes) que não sabia nada de Gramática. Mas o que ocorria é que, podendo não saber muitas regras teóricas, a tinha entranhada, natural.

Evidentemente que ao luxo de não respeitar a ortografia e a gramática (agora é outra questão) podem até dar-se alguns escritores provocadores, quer debutantes, quer consagrados. Mas obviamente que estamos a falar de outra coisa. Estamos a falar do que deve um estudante e um académico seguir na Universidade, e que o que se chama a Norma Culta da Língua Portuguesa, no nosso caso.

5. Competências mais que Linguísticas

No dia seguinte a ter escrito a reflexão anterior, encontrei, pela segunda vez pessoalmente (em poucos meses; a primeira foi na receção do Prof. Celso Lafer na Academia Paulista de Letras), o Poeta Paulo Bonfim, no seu gabinete do Palácio da Justiça de São Paulo. Com efeito, como escreveu ainda há pouco o então Desembargador Presidente Prof. Dr. José Renato Nalini, o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo "é o único a possuir como Chefe de Gabinete o 'Príncipe dos Poetas brasileiros'".

Foi imediatamente depois de ter ido à excelente inauguração da Exposição de pintura de Graci Dallari, de que foi curador o meu amigo Prof. Hércio Dallari Jr., Professor de Direito Constitucional, e um grande amigo das artes, o que é um dos melhores sinais para um jurista completo. Foi uma conversa afabilíssima e poder-se-ia dizer mágica, invocando "velhos amigos", que são os autores comuns: Sophia, Agostina, Ruy Belo, David Mourão-Ferreira, Torga, Raul Brandão, só para falar dos

portugueses. Falei também de alguns mais novos, como Ana Luísa Amaral, realmente um dos meus preferidos poetas de hoje em Portugal.

A certa altura da saborosa conversa, o Poeta referiu, a propósito, uma frase poética e lapidar proferida por uma senhora que conheceu, de poucas ou mesmo nenhuma letra, mas inspiração profunda. Perguntada se existiriam fantasmas, terá respondido: "Se tem nome, existe". Daria pano para mangas a tese, à luz do nominalismo e do realismo filosóficos, mas o que interessa para mim, depois de ter feito um elogio da importância de escrever bem, é a lição de que há coisas mais altas (tese que já estava implícita se não no meu texto, ao menos no meu pensamento). Mas isso vê-se pela primeira etapa a que então aludi: o falar. O teste do escrever vem depois (embora nas escolas o processo seja normalmente inverso). Quem diz uma preciosidade como essa do "Se tem nome existe" nem vai à prova escrita. Passou com distinção logo na oral (que na ordem natural das coisas vem primeiro). No domínio do que mais importa, claro.

6. Competências Polivalentes dos Professores

Certamente no futuro algumas funções académicas, hoje prejudicando-se (acotovelando-se literalmente) umas às outras porque levadas ao extremo da exigência por uma febril burocracia que exige que todos sejam super-homens e super-mulheres (semigente sem vida, sem sono, sem nenhum interesse - desde logo por falta de tempo - além das suas obrigações), ou serão explicitamente moderadas, ou desintegradas, em funções distintas. Ainda que todas dentro de instituições semelhantes às nossas universidades, provavelmente ainda persistindo com o mesmo nome. Seria aliás interessante comparar a sério algumas das instituições (ou simplesmente empresas ou organismos do Estado) que hoje dão pelo nome de escolas e afins com as de outrora... Com as de ainda há um par de décadas...

Fala-se frequentemente no "tripé" universitário que seria constituído por Ensino, Pesquisa e Extensão. Mas é óbvio que para se ser um docente excelente, um pesquisador de alto gabarito, ou um extensor (?) de qualidade a vida toda de uma pessoa não chega. Acresce ainda que há quem considere uma quarta vertente, que ela só dá para várias vidas de uma pessoa: a gestão ou administração escolares. É possível ser bom simultaneamente nas quatro grandes vertentes? E resta vida? Não resta. O que significa também que se poderá eventualmente tentar ser um robot, mas não uma pessoa, pela fasquia altíssima e desumana que alguns querem estabelecer...

Que fazer? Induzidos a fazer mais e melhor sempre (mas pelo menos mais, e ubiquamente), os professores acabam por ter de fazer tudo isso, mas raros são os que conseguem fazer tudo muito bem. A extensão e a gestão têm sido ainda residuais para muitos. Mas não tarda que venha a exigir-se-lhes mais, muito mais, nessa área. As instituições além do mais aforram e lucram com uma penúria de funcionários administrativos e afins, colocando doravante as tarefas mais braçais da burocracia sobre os ombros dos docentes. E a própria configuração da pesquisa tem traços de enorme burocratismo. É a desfiguração escolar. A informática, em vez de ajudar, em muitos casos complica, sobretudo na medida em que torna obstáculos fúteis em barreiras intransponíveis. É um fenómeno de mediatização, afastamento, formalismo extremo e fim do rosto humano das instituições. Mesmo as pessoas que atendem telefones têm agora um discurso que se assemelha muito ao de um robot programadíssimo e sem nenhuma latitude, autonomia, capacidade de decisão...

Mesmo no domínio estrito da pesquisa e da docência há frequentemente exigências incompatíveis. Já tivemos ocasião de falar em esquizofrenia escolar. Enquanto pesquisador, o professor tem de ir aos píncaros da lua da mais elaborada

investigação, escrever para revistas top do top, ser aceito nelas, escrever obras profundíssimas, inovadoras. E, digamos a verdade, difíceis e não acessíveis a qualquer um.

Mas enquanto docente, de forma clara ou sutil há muitos que são aconselhados (até pelo próprio nível dos alunos, a sua preparação de base, e o seu próprio instinto de sobrevivência) a baixar o nível e a exigir o mínimo dos mínimos. Pelo menos ao nível do ensino elementar, médio e da graduação. Pelo menos... Mas essa medíocre exigência tem, para mais, em alguns casos de ser camuflada de qualidade e exigência real, pelo que o Professor, além de ter de engolir sapos e elefantes, deve ser também um sutil ilusionista. E mesmo convencer os estudantes que lhes vende um produto da melhor qualidade. Quando na verdade ele tem de se conformar com uma participação e um trabalho pouco mais que nulo da sua parte.

É curioso como depois se vêem alguns casos de hiper-exigência nos mestRADOS, doutoramentos, agregações, livre-docências, e concursos académicos. Porque aí precisamente é avaliado não o protótipo do aluno ou do estudante, mas precisamente, e ao contrário, o docente ou o que poderia em abstrato, pelos seus títulos, sê-lo. E aí (além de outros) entra frequentemente a amálgama de exigências sem limite para os professores... Os editais para concurso à docência em vários países são verdadeiros labirintos, provas de resistência só para muito obstinados candidatos, e com mil olhos atentos às mil e uma possibilidades de deslize e exclusão por motivos formais futilíssimos.

7. Dúvida e senso comum

A pessoa de cultura tem de treinar a sua desconfiança nas aparências. E as aparências sociais são muito convincentes, e adormecedoras do espírito crítico. Como as pessoas, mesmo cultas, mesmo inteligentes, se não tiverem um pouco de esperteza e subtileza, são completamente manipuladas!... É sempre tempo de dizer "Sei que não vou por aí".

Aprendiz de pessoa culta e instruída não pode ser nunca "Maria vai com as outras.. Ou Manel vai com os outros..." Tem de desconfiar das facilidades e dos lugares comuns. Do próprio senso comum³, que não é o mesmo que bom senso.

Deve submeter toda a banalidade quotidiana, aos ácidos crítico e cínico.

8. Honras académicas

Não sei se certas pompas e salamaleques, e mesmo certo foguetório são compatíveis com a moderação e a frugalidade republicanas que devem pautar uma escola moderna e com pretensão a contribuir para a Justiça. Creio que não. Receio que algum excesso de comemorativismo e de panegirismo estraguem a ética de serviço que deve ter na Escola um dos seus bastiões e dos seus primeiros exemplos. Andar atrás de honras não parece curial. E quando tantos têm tantas, tão grandes, tão exageradas mesmo e imerecidas honras, as devidas ficam ensombradas e quem tem mérito sente-se na obrigação de se pôr em bicos de pés. Mas não o deveria. Não deveria impressionar-se com tal. Deveria fazer tranquilamente o seu dever, indiferente às massas que se pasmam ou maravilham com penachos postiços.

³ No Brasil, "senso comum" nem sempre é visto como confiável [N. do E.].

Creio contudo que uma boa medicina para tudo isto é não digo recusar as honras (poderia ser até indelicado ou interpretado às avessas...), mas ser-lhes um tanto indiferente no silêncio do eu consigo mesmo.

Infelizmente (mas as coisas são como são, e é preciso encará-las de frente) a vaidade e a inveja são das víboras mais presentes no coração de quem anda nestas coisas do Mundo... E muito em especial o mundo académico. É necessário um instinto aguçado de sobrevivência lateralmente ao jogo das vaidades e das traições e rasteiras...

Os estudantes não devem deixar-se manipular pelas maquinações que por vezes inquinam o saudável ambiente do templo do saber que deve ser uma Escola.

Já na minha escola primária, no Porto, em Portugal, havia um hino escolar que procurava de algum modo esconjurar esses fantasmas. Começava assim: “A Escola é o templo augusto / onde o génio do mal se apavora”. E os meninos brincavam, cantando dois versos que não pertenciam ao hino, mas que tinham boa disposição e o *q.b.*, de irreverência: “Vamos todos fazer um magusto / vamos todos vamos lá embora”. Antes disso que deixar-se enredar numa rede de intrigas e lutas pelo poder e pela vã glória... Há quem passe toda uma vida roído nas entranhas pelo bem e felicidade alheia, meramente hipotético e tantas vezes somente de fachada, e tudo o que realiza seja apenas por despeito, sede de vingança, competição insana.

9. Prudência

A prudência é uma das virtudes cardeais, e há mesmo vários autores, como Josef Pieper e Jean Lauand, que a colocam acima da Justiça. Na verdade, uma Justiça imprudente ou que não tenha em atenção os vários dados de um problema (que se incluem *sensu lato* na prudência, que todas as questões mesmo fáticas deve ponderar) não será Justa. O aforismo *fiat iustitia pereat mundus*, que alguns traduzem carregando as tintas como “Faça-se justiça ainda que o mundo voe em estilhaços” vale o que vale: que Justiça haveria depois do mundo ser destruído? Poderia haver Justiça sem mundo, ou sem Pessoas? Poderia haver Justiça imprudente?

Portanto, a prudência é essencial. Coisa diferente, como é óbvio, é a cobardia, ou o “nem-nem-ismo” de que fala Roland Barthes, nas suas *Mitologias*. Há mesmo um pecado devidamente tipificado que é a tibieza, que muitas vezes se mascara de prudência. O Prudente é corajoso, não é nem cobarde nem fica em cima do muro. Mas também não é um tonto que se “atire para o meio dos inimigos” como dizia Nietzsche, no seu *Aurora*. Esse que desafia todos os perigos com muito poucas hipóteses de sair vivo (ou aprovado num exame, ou numa dissertação ou tese) não é prudente, mas temeridade (uma ousadia excessiva, não ponderada).

Ao apresentar um trabalho académico é bom que se seja inovador. Algumas legislações universitárias exigem a originalidade das teses apresentadas, não uma simples repetição ou síntese ou paráfrase de trabalhos já conhecidos. Mas manda a boa prudência que se respeite algum *decorum* (decoro) académico. Evidentemente que os génios, génios mesmo e não pessoas que pretendem apenas *épater le bourgeois*, acabam ou no mais negro olvido, ou, por vezes, alcançam reconhecimento mesmo não respeitando as regras. As coisas são como são, há séculos. Cada um terá que ter a prudência necessária para avaliar o grau de prudência ou imprudência que pode usar na sua conduta e nos seus trabalhos. Pode-se ser muito irreverente com classe, com estilo, com ironia, com respeito por todas as regras, mesmo as mais arcaicas. Ou pode-se quebrar a louça. As reações normalmente são diversas... A questão é que nem sempre num iconoclasta se vê facilmente o génio e a qualidade, quando se está em meio académico. Aliás, por que um revolucionário tão extremista procuraria triunfar

num meio como o acadêmico? É natural que os mais conservadores vejam nele apenas um provocador...

10. Cuidado em tempo de Crise

Parece paradoxal em situações políticas de democracia, mas existe: o medo e o muito cuidado em falar. A verdade é que, como advertia Michel Foucault, há uma microfísica do poder, e por isso nem sempre as superestruturas democráticas se concordam com bolsas de autoritarismo e pior...no terreno.

Escrever ou dizer publicamente o que quer que seja está cada vez mais difícil. Evidentemente que cada vez mais pessoas impreparadas, desbocadas, inconscientes, levianas, dizem o que muito bem lhes apetece, sem nenhum limite, quantas vezes distorcendo a verdade e ferindo a suscetibilidade e mesmo o bom nome, a reputação, a honra de muitos outros...

Mas quem tem compromisso com a Verdade e com o decoro, quem procura ao mesmo tempo dizer coisas significativas e indagar do que realmente interessa, sem querer atacar ninguém, está em apuros.

Porque cada palavrinha, cada entrelinha, cada silêncio mesmo pode ser interpretado às avessas por olhares malevolentes, que logo vêm perfídias, calúnias, teses perigosíssimas, no limite o bastante para a excomunhão, o anátema, e a fogueira.

Estamos em tempo em que é preciso ter o máximo dos cuidados. Porque agora não se trata de uma censura que (aliás proverbialmente pouco culta e pouco inteligente) corta, e pronto. Agora não se nos corta nada, mas qualquer coisa que seja dita pode ser usada contra nós, com a mais pérfida das más intenções.... E alguns interpretam e anotam, e nem dizem nada. Guardando-nos rancores e ódios de que nem sonharíamos...

É preciso cuidado. Não se tolerará nenhuma ingenuidade. E cai-se das nuvens ao ver o que alguns outros, mal intencionados, interpretam de coisas simples, banais, ditas com a melhor das intenções.

A vida está demasiadamente complicada... Falar e escrever cautelosamente, *como quem pisa ovos* é doravante o lema. Mesmo que outros possam proclamar aos sete ventos as maiores atoardas. Mas isso é para os outros...

Como o imperativo evangélico, devemos ter coração puro, mas mente capaz de prever e defender os mais traiçoeiros ataques: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas” (Mateus X, 16).

BIBLIOGRAFIA E FILMOGRAFIA

AQUINO, Tomás de — *A Prudência. A Virtude da Decisão certa*, trad., pref. e org. de Jean Lauand, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

BARBOSA, Ana Mae — *Arte-Educação: Conflitos/ Acertos*, 3.ª ed., São Paulo, Max Limonad, 1988.

- BARBOSA, Ana Mae (org.) — *Arte-Educação: Leitura no Subsolo*, 6.^a ed., São Paulo, Cortez, 2005.
- CHISHOLM, Lynne /LIEBAU, Eckart — *Jovens Europeus. Mudança Social, Educação e Modos de Vida*, trad. port. de Inês Vaz Pinto, revisão científica de José Machado Pais, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Instituto Português da Juventude, 1994.
- COIMBRA, Leonardo — *Problema da Educação Nacional*, in *Obras*, Lello, vol. II, Porto, 1983.
- FOUCAULT, Michel — *Microfísica do Poder*, antologia com org., introd. e trad. de Roberto Machado, Rio De Janeiro, Graal, 1979.
- GARRETT, Almeida — *Da Educação*, in *Obras Completas*, Porto, Lello, 1963, vol. I.
- GOMBRICH, E. H. — *In search of Cultural History*, Oxford Univ. Press, 1969, trad. fr. de Patrick Joly, *En Quête de l'Histoire Culturelle*, Paris, Gérard Monfort, 1992.
- LAUAND, Jean — *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, São Paulo, ESDC / CEMOROC – EDF – FEUSOP / Factash Editora, 2007.
- LAUAND, Jean — *Prudentia, virtude intelectual: “lições de vida”, “Notandum”,* Ano VIII, n.º 12, 2005, p. 37 ss.
- LAUAND, Jean — *"Vigência" e Educação — a Ditadura da Extroversão*, in “Videtur”, n.º 26, edição online: <http://www.hottopos.com/videtur26/jean.htm>
- PAGNOL, Marcel — *Topaze*, Pastoreli, Monte Carlo, 1987.
- PIEPER, Josef — *Las Virtudes Fundamentales*, 4.^a ed. cast., Madrid, Rialp, 1990
- SANCHES, Ribeiro — *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, sel., Porto, Ed. Domingos Barreira, s/d.
- TARDE, Gabriel de — *Les Lois de l'imitation*, Paris, 1895, trad. port., *As Leis da Imitação*, Porto, Rés, s/d..
- The Wizard of Oz*, Victor Fleming, USA, 1939.
- VIAL, Jean / MIALARET, Gaston (org.) — *História Mundial da Educação*, Ed. port., Porto, Rés, s.d., vv. vols.

Recebido para publicação em 07-06-18; aceito em 11-07-18